

# O sentido que tra

**Freud buscou na poesia e na linguagem cotidiana a renovação da palavra, saturando-a de associações e significados**

Por **MARCUS NUNES**

**A**ssim como as minhocas fazem com a terra e os poetas com a linguagem, os psicanalistas arejam o cotidiano e suas palavras devolvendo-lhes o frescor enfraquecido pelo uso. Segundo o psicanalista Jean Laplanche, diretor científico e responsável pela terminologia na tradução das *Obras Completas* de Sigmund Freud em francês, a origem dos conceitos criados por Freud é quase única, pois vêm do "uso da língua, na maioria das vezes a língua comum, mais raramente a língua de outras disciplinas científicas".

Segundo Laplanche em *Traduzir Freud* (Martins Fontes, 1992, p. 61 e 65), "o uso, como o nome indica, degrada e amortece as ressonâncias das palavras". E todo o trabalho de Freud vai no sentido contrário, no senti-

do de aumentar seu viço, renovar-lhes o frescor. Ele usava a linguagem com maestria e seu dom de escritor foi reconhecido por contemporâneos e também pela posteridade. Em 1930 recebeu o Prêmio Goethe e em 1964 foi homenageado pela "Academia Alemã para a Língua e a Criação Literária" com o "Prêmio Sigmund Freud para a Prosa Científica".

## Acostumada

A tradução inglesa das obras de Freud, que deu origem à edição brasileira, empenhou-se em esconder a "prosa" para mostrar só uma psicanálise, a "científica". Por isso esbanja uma linguagem tecnicista que trai o criador da psicanálise, como já se vê pelos prêmios que recebeu, empregando palavras que são verdadeiros tentáculos compressores, co-

mo "chiste" em vez de "piada" ou "frase de espírito", "anáclise" em vez de "apoio" ou "catexia" em vez de "investimento". Essa terminologia, interessada em divulgar uma concepção da psicanálise como ciência positiva, positivista, exata, resseca e emudece a palavra impedindo-a de provocar as associações desejadas por Freud com os termos ambíguos, simples e cotidianos que escolhia. Como escreveu Laplanche, a terminologia freudiana tem suas raízes no emprego cotidiano da língua e dela emana.

O uso da linguagem aprisiona vultos e espectros que as associações do psicanalista, da criança e do poeta liberam, e acabam provocando um impacto, uma emoção, um prazer estético. "Não gosto de palavra acostumada", escreveu o poeta Ma-



sborrada

noel de Barros, autor de *Liivo sobre Nada* (Record, 1997).

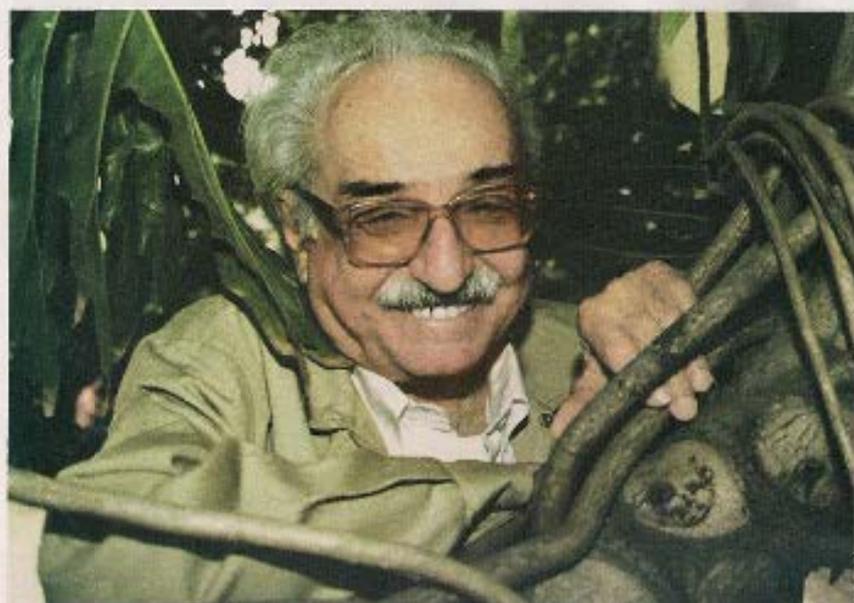
Freud, artista do cotidiano, ocupou-se do dia a dia e, como o poeta, devolveu às palavras a vivacidade que o uso e o dever de comunicar algo lhes roubaram. Esse viço, essa exuberância das palavras para florescer em múltiplos sentidos desaparece em algumas traduções, como tem sido observado há décadas pelos psicanalistas. "Catexia", escreveu Renato Mezan, não provoca associações no leitor e a psicanálise está preocupada justamente com elas.

### Despertar

"Se pensarmos no enorme valor atribuído por nossa disciplina à aura conotativa das palavras – de Freud, nossas ou de nossos pacientes –, perceberemos que o texto analítico não é feito apenas

para descrever objetivamente processos psíquicos mais ou menos complicados. Ele visa também – e certamente não como um objetivo menor – a provocar associações no leitor, estimulá-lo a figurar de modo plástico certos mecanismos; e isso não é conseguido somente pela abundância de metáforas, comparações e figuras de linguagem familiar a qualquer leitor de Freud. Os próprios conceitos, graças às palavras escolhidas por Freud para os nomear, possuem uma camada associativa e induzem à proliferação de imagens: a vida psíquica ganha assim colorido, intensidade, ritmo por meio da rede de evocações em que se ancora cada termo da língua psicanalítica", escreve Renato Mezan em *Interfaces da Psicanálise* (Cia. das Letras, 2002, p. 541).

Esses conceitos, essas palavras,



O poeta matogrossense Manoel de Barros: "Não gosto de palavra acostumada"

enfim, a psicanálise cria uma nova realidade como o artista e o poeta: "Mas um belo poema – já não será a Outra Vida?", escreveu Mario Quintana em *A Vaca e o Hipogíjfo* (Círculo do Livro, 1981). A linguagem não é só instrumento de comunicação e informação: a palavra tem esse poder de engendrar figuras, formas, cenários. O poeta acorda a palavra que dorme no berço da fala cotidiana e a faz produzir, criar, fazer-ser e fazer-sonhar.

Esse foi o desejo dos surrealistas: libertar o homem da vida de utilidade que o reduz a um eletrodoméstico, libertá-lo de sua existência utilitária. No *Manifesto do Surrealismo*, André Breton escreveu que Freud, "o explorador humano", descobriu essa parte mais importante do mundo intelectual e que agora ele está "autorizado" a levar em conta outras realidades para além das evidências imediatas. Como o artista surreal, Freud tornou-se um demiurgo, criador de uma surrealidade que é a realidade tecida com os fios do infantil e do onírico. Dois meses antes de morrer, o pintor Magritte refe-

riu-se a sua pintura dizendo imaginar imagens cuja poesia restituísse às coisas conhecidas o que elas tinham "de absolutamente desconhecido e... desconhecível". Para Paul Klee, outro famoso artista plástico, a pintura não deveria reproduzir o visível e sim tornar visível.

### Atos falhos

O cotidiano provocava tanto interesse em Freud que em 1901 ele reuniria em um livro, *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, a análise de fatos corriqueiros da vida diária das pessoas. Já tendo estudado os sonhos e sua interpretação, nesse novo livro Freud se volta para os atos falhos, esquecimentos e lapsos, recheando-o com exemplos como também o fará depois com o humor e as frases de espírito em *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*. Freud prestou atenção a tudo aquilo que a ciência havia jogado no lixo e por isso ele foi o inventor da reciclagem.

O ato falho do professor de anatomia ficou famoso: "No caso dos genitais femininos, apesar de inú-

meras tentações – digo, tentativas...". E o do presidente do parlamento austríaco abrindo a sessão: "Senhores, como está presente a totalidade dos membros, declaro encerrada a sessão". Os risos provocados fizeram-no corrigir seu engano. Como diz Freud, a sessão não oferecia boas perspectivas e o presidente desejava encerrá-la conforme ele mesmo fala: é só questão de aceitar suas palavras. "Declaro aberta a sessão, porém preferiria que já estivesse encerrada". O ato falho consiste em substituir "aberta" por "encerrada", numa irrupção do inconsciente na qual a consciência não se reconhece: a palavra inesperada e inoportuna que emergiu (encerrada) revelou um desejo recusado. É o mesmo que acontece quando alguém chama sua mulher de "mãe".

Outros exemplos que já se incorporaram ao vocabulário da psicanálise são os do "familiar", que alude tanto a "familiar" quanto a "milionário" (condensação), e o de certa dama que desejava perpetuar o nome de um cientista ainda pouco conhecido, por meio de uma estátua, e disse: "Desejamos-lhe, então, um sucesso *monumentâneo*".

Freud se identifica com os criadores de obras de arte, escritores e poetas; transita por seu espaço e gosta de conviver com as palavras. Como o artista, o psicanalista também leva alguém para além da sua realidade cotidiana, para além dos significados usuais da linguagem. Ambos enxergam situações corriqueiras sob um ângulo diferente e descobrem nas ações banais novos sentidos abortados pelo hábito e pelo uso. "O poema é antes de

tudo um inutensílio”, escreveu o poeta Manoel de Barros em *Arranjos para Assobio* (Record, 1982).

Entrevistado por Martha Barros, sua filha, que pergunta qual é a matéria da poesia, Manoel de Barros respondeu: “Todas as palavras. Lata pedra rosa sapo nuvem – podem ser matéria de poesia. Só que as palavras assim em estado de dicionário não trazem a poesia ou a antipoesia nelas, inerentes. O envolvimento emocional do poeta com essas palavras e o tratamento artístico que lhes consigna dar – isso que poderá fazer delas matéria de poesia. Ou não fazer. Mas isso é tão antigo como chover” (*Gramática Expositiva do Chão*, Civilização Brasileira, 1990).

### Envolvimento

Não há espaço para desenvolver essa que é uma ideia capital na psicanálise e que Manoel de Barros chamou de “envolvimento emocional do poeta com essas palavras” como matéria da poesia. Posso apenas mencionar que a pessoa de Freud e o inconsciente de Freud estão implicados em seus escritos e em toda a sua obra. Pois a dimensão da singularidade não é para ser descartada da experiência psicanalítica por uma pretensa objetividade científica: bem ao contrário, essa dimensão é decisiva na e para a psicanálise, que se torna manca quando busca exibir-se sustentada unicamente na universalidade. A impessoalidade não constrói conhecimentos psicanalíticos. A “imaginação intelectual” que perturba Álvaro de Campos – heterônimo de Fernando Pessoa em sua poesia “O tumulto” (“o tumulto concentrado na minha imaginação intelectual”) – ou a imaginação teorizadora de Freud é também um fa-

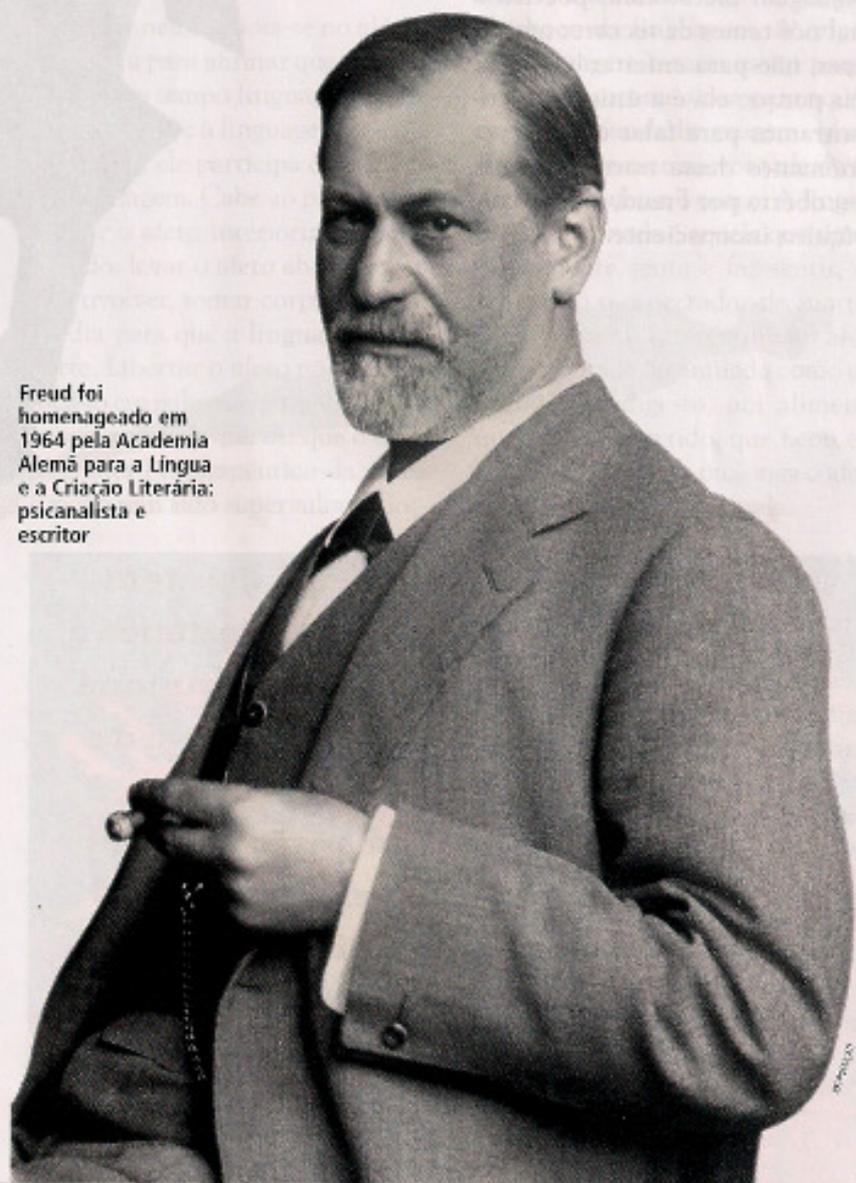
**O uso da linguagem aprisiona vultos e espectros que as associações do psicanalista, da criança e do poeta liberam, provocando um impacto, uma emoção, um prazer estético**

tor constituinte da sua disciplina.

Na experiência psicanalítica as palavras ressoam múltiplos sentidos. O famoso “Freud explica”, o “Freud-Édipo decifrador de enigmas”, esconde essa proximidade do analista com o artista, com o poeta criador de sonhos que liberta as palavras da gaiola dos sentidos usuais, óbvios, unívocos e utilitários.

Alguns versos exprimem de maneira exemplar essa relação da psicanálise com a poesia: “Um bom poema é aquele que nos dá a impressão de que está lendo a gente... e não a gente a ele!” (Mario Quintana, 1977). “Escrevo emba-

Freud foi homenageado em 1964 pela Academia Alemã para a Língua e a Criação Literária: psicanalista e escritor



lando-me, como uma mãe louca a um filho morto" (Fernando Pessoa). Assim como Fernando Pessoa multiplicou seus *eus*, os poetas também multiplicam metáforas e brincam com as palavras, nas quais embarcam sem restrições (ver quadro no final do artigo). A psicanálise tem uma dimensão estética e pode provocar uma emoção como essa que experimentamos ao ouvir um poema. O trabalho do analista tem parte com a criação e não é casual que Freud compare o poeta e o psicanalista. Essa dimensão artística da experiência analítica se mostra na linguagem metafórica, poética à qual nós temos de recorrer muitas vezes, não para enfeitar um texto mas porque ela é a única que encontramos para falar e descrever fenômenos dessa nova realidade descoberta por Freud, a realidade psíquica inconsciente.

O poeta Fernando Pessoa tinha plena consciência do afeto que envolve a língua: "A palavra contém uma ideia e uma emoção"



### Freud escritor

Em *Estudos sobre a Histeria*, Freud constata o caráter literário das suas histórias de doentes. "Eu mesmo ainda estou singularmente impressionado pelo fato de as histórias de doentes que escrevo serem lidas como novelas e ficarem, por assim dizer, privadas do selo de seriedade da ciência", escreve. E diz que o que o consola é que esta é uma exigência imposta pela própria natureza do objeto. Os fenômenos sobre os quais se debruça são de uma natureza tal que impõem essa linguagem literária.

**A psicanálise tem dimensão estética e pode provocar uma emoção como a de ouvir um poema; a dimensão artística da experiência analítica se mostra na linguagem metafórica**

Em *Traduzir Freud*, Laplanche reitera o caráter literário do pai da psicanálise. “Na verdade, Freud, que detém todos os recursos do escritor, pouco se preocupa em sê-lo ou o é como algo a mais. Na medida em que coabitam nele o artista e o cientista, como em Leonardo da Vinci, (...) é o cientista que triunfa”, escreve. O próprio Sigmund, consciente de seu talento, escreveu a Lou Andreas Salomé: “A despeito de todas as frases, não sou um artista” (1992, p. 42).

### Objeto especial

Renato Mezan observou que o poético na psicanálise não é só um estilo de escrita mas também uma matéria da clínica, um objeto com o qual o analista tem de lidar em sua prática. Esse “objeto especial” da psicanálise exige, pois, o poético na sua escrita tanto quanto o exige para ser acessado na clínica.

Segundo a psicanalista Monique Schneider, a metáfora acorda o afeto e o ajuda a tomar corpo. Nos seus *Estudos sobre a Histeria*, Freud questiona constantemente sua hipótese inicial que atribuía um poder milagroso à linguagem e entrega-se a uma outra pesquisa: “O que é preciso desenvolver, libertar, para que a própria linguagem se liberte. O que nos levará à pergunta: qual percurso deve seguir o afeto para se abrir ao fenômeno da articulação?”.

Discordando de Jacques Lacan, que identifica o afeto e o inarticu-

**O trabalho do analista tem parte com a criação e não é casual que Freud compare o poeta e o psicanalista. O poético na psicanálise não é só um estilo da escrita, mas também uma matéria da clínica**

lado, Schneider apoia-se no filósofo Rousseau para afirmar que o afeto é ao mesmo tempo linguagem; o afeto não se opõe à linguagem, mas, ao contrário, ele participa da essência da linguagem. Cabe ao psicanalista liberar o afeto interiorizado, anestesiado, levar o afeto abortado a se desenvolver, tomar corpo, ver a luz do dia para que a linguagem se liberte. Libertar o afeto não é só colocá-lo em palavras, é também vivê-lo sem reservas. Ela diz que o efeito liberador ou terapêutico da verbalização tem sido supervalorizado; a

verbalização é essencial, mas não é suficiente para provocar uma mutação terapêutica.

Encontramos essa mesma ideia, do afeto como inerente à linguagem e não como seu outro em Fernando Pessoa, na “Nota Preliminar” para *Poemas de Álvaro de Campos*, outro de seus heterônimos, onde escreveu: “Desde que se usa de palavras, usa-se de um instrumento ao mesmo tempo emotivo e intelectual. A palavra contém uma ideia e uma emoção”.

### Linguagem do afeto

Para Monique Schneider, o afeto é o fundamento e talvez também o esboço da linguagem. A origem da linguagem estaria assim naquilo que o costume situa para aquém ou para além da linguagem. Mas a linguagem nasce na vontade do ser aferado de afetar o outro. A linguagem apaixonada é aquela que simultaneamente sente e faz sentir, arrancando o espectador de sua posição de pura testemunha. O afeto é incorporado, assimilado como um alimento indigesto, um alimento que não foi digerido, que ficou entalado. A metáfora prolonga o afeto dando-lhe a vida abortada.



O fascínio pela ambiguidade das palavras na turma de Monteiro Lobato: Visconde de Sabugosa questiona, em *Emília no País da Gramática*, por que “pena” significa ao mesmo tempo “dó” e “caneta”

## O sentido que transborda

**Em suas brincadeiras e seus jogos de palavras, as crianças se divertem com a imprecisão da linguagem para além do significado convencional que ela toma no cotidiano**

Ouvindo a fala do paciente como uma metáfora, o analista já está fazendo a sua interpretação, nessa escuta típica da conversa analítica. "Mas, afinal, para que interpretar um poema? Um poema já é uma interpretação", escreve o poeta Mario Quintana em "Intérpretes" (1977).

### Metáforas

Helena Kon Rosenfeld trata da dimensão poética da experiência psicanalítica em seu livro *Palavra Pescando Não-Palavra: A Metáfora na Interpretação Psicanalítica* (Casa do Psicólogo, 1998). E oferece algumas ilustrações a partir da sua clínica. Como o caso de Roberta, que a procurou achando que era hipocondríaca e com "medo de estar com Aids, já que não tomava os cuidados que sabia necessários (...)" (p. 33).

A analista interpreta dizendo "que ela sente ter Aids mental, algo dentro dela que destrói sua vida psíquica e que destrói sua possibilidade de viver razoavelmente bem; gostaria que eu a ajudasse a fazer frente a essa ameaça". Essa interpretação provoca grande impacto em Roberta, que a olha "espantada e fascinada". Para Helena, esse efeito deve-se em primeiro lugar à escuta peculiar que deu origem a sua interpretação: ela não ouviu as palavras de Roberta em sentido literal, mas no seu sentido figurado, metafórico. Essa escuta é própria da experiência psicanalítica, que é uma con-

versa diferente, na qual as palavras são ouvidas em seus múltiplos sentidos. Usando essa escuta ela mostrou para Roberta outros modos de se ver e falar de si. Em segundo lugar essa interpretação – que usou a fala da paciente como uma metáfora – "configura, de algum modo, a experiência emocional" de Roberta; essa experiência estava todo o tempo presente em sua fala só que não tinha "uma palavra que pudesse explicitá-la, nomeá-la. Sua experiência emocional foi posta em palavras – e sabemos o quanto isso é fundamental na experiência psicanalítica" (p. 36).

Essas falas metafóricas são poéticas "porque conseguem dar voz a experiências que de outra forma permaneceriam mudas". Embora esses "momentos poéticos" sejam raros, quando surgem provocam uma emoção como aquela que nos toma quando somos tocados por uma música ou um poema (p. 37).

### Ambíguas

Antônia, com 20 anos, fez sua primeira sessão três dias antes do dia em que a morte da mãe completaria dez anos. Não consegue manter a dieta prescrita pelo médico após a lipoaspiração porque é muito difícil "resistir às tentações". Quando tinha oito anos a mãe a levou a um endocrinologista e ela conseguiu emagrecer, mas voltou a engordar dois anos depois – quando perdeu a mãe num acidente. Repete que não gosta de depender ou precisar de alguém, e nem de falar; diz que tem de fazer perguntas para ela. E se não as faço, fica extremamente ansiosa e começa a roer as unhas olhando para mim. Digo a ela que tem uma fome insaciável devorando-me com os olhos e comendo a si mesma mantém sua die-



O poeta gaúcho Mario Quintana: "Um bom poema é aquele que nos dá a impressão de que está lendo a gente... e não a gente a ele!"

## Psicanálise na literatura

Exemplos de poemas  
cujas emoções  
se aproximam da  
dimensão estética  
explorada na  
psicanálise



"Meu coração é um almirante louco que abandonou a profissão do mar..."  
(Fernando Pessoa, *Poemas de Álvaro de Campos*).

"Os aviões abatidos são cruzeiros caindo do céu" (Mario Quintana, 1981,  
"Guerra").

"Amar é mudar a alma de casa" (*idem*, "Carreto").

"Quando ponho de parte os meus artificios e arrumo a um canto, com um cuidado cheio de carinho – com vontade de lhes dar beijos – os meus brinquedos, as palavras, as imagens, as frases – fico tão pequeno e inofensivo, tão só num quarto tão grande e tão triste, tão profundamente triste!... Afinal eu quem sou, quando não brinco? Um pobre órfão abandonado nas ruas das sensações, tiritando de frio às esquinas da Realidade, tendo que dormir nos degraus da Tristeza e comer o pão dado da Fantasia". (*Do Livro do Desassossego*, Bernardo Soares, heterônimo de Fernando Pessoa).

ta de amor. E que gostaria que eu a alimentasse, mas com medo de ser abandonada sem aviso prévio, entope sua boca com unhas porque em boca fechada mãe que abandona não entra, nem a filha pode roê-la de raiva.

"Doutora, estou péssima, acho que vou entrar no meu casulo de novo", diz Beatriz usando o vocabulário criado nessas conversas estranhas. Ao final de uma sessão com Lúcia retomo as palavras que naquele dia ela usou para se referir metaforicamente ao namorado ("animal") e outras usadas no sentido literal: "animal, cavalo, peixe, veado: está na hora de recolher os

bichos que você soltou aqui porque nosso tempo acabou". No diálogo construído por nós ela responde: "Na próxima vez vou trazer C.", seu cachorro.

Os personagens Emília e Visconde – em *Emília no País da Gramática* (Brasiliense, 1955), de Monteiro Lobato – teriam ficado aborrecidos com essa ambiguidade própria dos humanos que tanto encanta as crianças. Conversando com a palavra "pena", o Visconde protestava: como uma mesma palavra poderia significar "dó" e "pena de escrever"? "Não acho isso direito – dizia o Visconde para a primeira Pena; se a senhora significa uma

coisa tão diversa da significação da sua companheira, por que não muda, para evitar confusões!".

"– Sim – disse Emília, chegando e metendo a sua colherzinha torta na conversa. Por que não usa um sinal – uma cruz na testa ou uma peninha de papagaio na cabeça, por exemplo?"

### Fascínio

Diferentemente da boneca e do sabugo de milho, as crianças não escondem seu fascínio quando ouvem essa sinfonia das palavras. "Por que você foi comprar uma fazenda?", perguntou meu filho quando tinha aproximadamente 3 anos de idade, e que se divertiu muito quando soube que "fazenda", além de propriedade rural, também significava "tecido". "Uma fazenda custa um milhão", respondi, e ele riu, mais uma vez imaginando esse "milhão" (milho grande) que ele escutou em minhas palavras. Riu mais ainda, chegando às gargalhadas, quando corrigi: "Um milhão não, um trilhão! (trilhão = trilho grande). Em suas brincadeiras e seus jogos de palavras as crianças se divertem mesmo com essa imprecisão da linguagem ouvindo algo novo, para além do significado convencional e que provoca no interlocutor adulto um espanto, um fascínio semelhante àquele experimentado pelos personagens do cenário analítico.

**MARCIA NEDER** É PSICANALISTA E PÓS-DOUTORADA EM PSICOLOGIA CLÍNICA NA PUC-SP, PESQUISADORA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL E DO NUPPE-USP, AUTORA DE *PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: LAÇOS REFEITOS* (CASA DO PSICÓLOGO/UFMS, 1998) E *A ARTE DE FORMAR: O FEMININO, O INFANTIL E O EPISTEMOLÓGICO* (VOZES, 2002).